

Espaços como a Livraria Avenida, conduzida por André Gambarra, ampliam a vida útil de publicações e ajudam na renovação do público leitor

Reportagem Cultural



Sebos contam a história cultural de Porto Alegre

Rafael Gloria, especial para o JC

Em uma época em que livros chegam à porta de casa com poucos cliques e bibliotecas inteiras cabem na memória de um *tablet* ou celular, os sebos seguem resistindo. Mais do que pontos de venda de livros usados, esses espaços guardam fragmentos da história cultural da cidade, preservam obras fora de catálogo e mantêm viva uma forma de convivência que marcou gerações de leitores, estudantes e intelectuais.

Há décadas, os sebos fazem parte do circuito cultural do Centro Histórico. Tudo começou no início do século passado, quando se tornaram lugares de encontros e formação intelectual. Em uma cidade movimentada, o público na área central circulava por cafés, redações de jornais, livrarias e repúblicas estudantis. Para o historiador Charles Monteiro, professor da Pucrs, a trajetória desses estabelecimentos ajuda a compreender transformações mais amplas na vida cultural da

capital gaúcha. “Os sebos sempre foram lugares de encontro. As pessoas iam para conversar, procurar livros e trocar informações. O livreiro conhecia seus clientes, sabia o que eles liam e muitas vezes conseguia encontrar obras específicas”, afirma.

Desde as primeiras décadas do século XX, estudantes que chegavam a Porto Alegre para frequentar cursos preparatórios e universidades encontravam nos sebos uma alternativa mais acessível para adquirir livros. Muitos deles ficavam nas proximidades da rua Riachuelo e da antiga rua da Ladeira, áreas que concentravam pensões estudantis e intensa circulação cultural.

Além de comercializar livros usados, alguns estabelecimentos se especializaram em determinados temas. Um dos exemplos lembrados por Monteiro é a antiga Martins Livreiro, referência para pesquisadores interessados na história do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre. “Um lugar importante para quem estudava a

história local. Havia um trabalho de seleção e preservação de obras que ajudava a manter viva essa memória”, recorda.

Essa dimensão também é destacada pela presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro, Roseni Siqueira Kohlmann. Para ela, os sebos exercem um papel fundamental na preservação do patrimônio bibliográfico. “Muitos exemplares que circulam nesses estabelecimentos deixaram de ser comercializados pelas editoras, mas permanecem acessíveis graças ao trabalho de conservação realizado pelos sebistas”, afirma. Segundo Roseni, eles ajudam a preservar edições raras, documentos e obras de interesse histórico, contribuindo para a manutenção da memória cultural ligada ao livro.

A importância dos sebos, porém, vai além da preservação. Eles também ampliam o acesso à leitura ao oferecer livros por preços mais acessíveis e funcionam como espaços de descoberta para leitores de diferentes perfis.

“São fundamentais para o ecossistema do livro porque ampliam a vida útil das obras, democratizam o acesso à leitura e ajudam a formar novos leitores”, observa a dirigente.

Ao mesmo tempo, esses estabelecimentos enfrentam desafios semelhantes aos de todo o mercado livreiro. A digitalização dos acervos, o crescimento dos e-books e as mudanças nos hábitos de leitura alteraram profundamente a relação das pessoas com os livros físicos. Para Monteiro, a redução do número de sebos físicos é um sintoma dessas transformações. “Representa a perda de um espaço que era, ao mesmo tempo, de consumo de conhecimento, de encontro e de relacionamento. E também demonstra transformações na cultura letrada, no processo de formação, na digitalização dos livros e na utilização, digamos assim, mais de artigos acadêmicos do que de livros”, avalia.

Ele observa que plataformas de venda online permitiram que

muitos sebistas ampliassem seu alcance para todo o País, reduzindo a dependência do público local. Embora isso tenha criado novas oportunidades de negócio, também modificou o papel desses espaços na vida urbana. O sebo deixou de ser apenas um ponto de circulação cultural para se tornar, muitas vezes, parte de uma rede nacional de comercialização de livros.

Ainda assim, há algo que permanece difícil de reproduzir no ambiente digital. Entre as estantes, não circulam apenas livros, mas histórias. Dedicatórias esquecidas, anotações nas margens e marcas deixadas por antigos leitores transformam cada exemplar em um objeto único. “Muitos livros comprados em sebos carregam camadas de leitura deixadas por outras pessoas”, explica Monteiro. “São vestígios de uma experiência de leitura que vai passando de leitor para leitor.”

Leia mais na página central